

Soc 3

2003

80

**Cultura da Pobreza**  
*Vida na lixeira de Hulene na cidade de Maputo*

Por  
**CARLOS AUGUSTO CHEFO**

**SUPERVISOR**  
**CARLOS SERRA**

*(Dissertação apresentada na Unidade de Formação e Investigação em Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em Sociologia)*

UE, M. - UFICS
R. E. 4406
DATA 12/07/05
AQUISIÇÃO aberta
COTA SOC-3



**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE**  
**UNIDADE DE FORMAÇÃO E INVESTIGAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

---

MAPUTO, 28 de Novembro de 2003

## Índice

## Página

Declaração	
Dedicatória	
Agradecimentos	
Resumo.....	1
1. Introdução.....	2
2. Objectivos.....	7
3. Justificação.....	7
4. Relevância.....	8
5. Teorização.....	8
6. Questões de partida.....	11
7. Hipóteses.....	11
8. Metodologia.....	11
9. Modelo de análise.....	14
10. Resultados da pesquisa.....	15
11. Análise dos resultados.....	27
12. Teste de hipóteses e conclusão.....	32
13. Auto-avaliação.....	33
14. Bibliografia.....	34

## ANEXOS

- I. Guia de observação para a lixeira pública de Hulene.
- II. Guia para entrevistas a utilizar na lixeira pública de Hulene.
- III. Guia de entrevistas para os moradores vizinhos da lixeira.
- IV. Questionário para os utentes da lixeira pública de Hulene.

DECLARAÇÃO

Este trabalho é da minha autoria visando a obtenção do título de licenciado em Sociologia

Autor

*Carlos Augusto Chefo*

(Carlos Augusto Chefo)

Supervisor

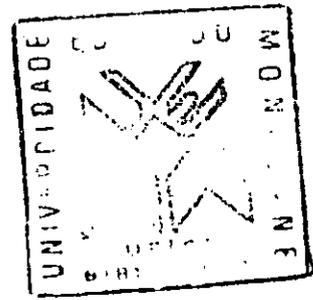
Carlos Serra

(Carlos Serra)

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha mãe Esmeralda Cumbana, à minha irmã Luisa Chambo e ao tio Júlio Chambo e, em memória do meu pai e da minha irmã.

*Dedico, também, a todos os seres humanos que, por força de circunstâncias de vida têm a lixeira como base da sua existência e fazem dos restos de comida que os outros deitam, seu alimento.*



## AGRADECIMENTOS

Obviamente que é impossível mencionar aqui os nomes de todos quanto contribuíram para o sucesso deste trabalho.

Porém, merecem destaque especial, o Prof. Doutor Carlos Serra a quem agradeço o seu gentil apoio material, intelectual e moral e a sua paciência na supervisão deste trabalho e que, mesmo com problemas de saúde, acompanhou o trabalho até ao fim;

O Professor Elísio Macamo pelos preciosíssimos comentários, críticas e sugestões prestados desde o primeiro passo ao último deste trabalho.

O Rogério Batine, grande amigo e colega de turma pelo apoio a todos os níveis por ele prestado. O Neto Sequeira, amigo e colega, pelo seu apoio moral e intelectual. O Alexandre Manjate também pelo seu apoio. A Helena Monteiro pelos seus valiosos comentários.

O Carlos Ricardo Cumbane por ter disponibilizado o seu computador para a digitação do trabalho. Alfredo Chimel Jonasse Cumbane pela preciosa ajuda por ele prestado durante a *minha vida universitária*. A Vânia pelo apoio prestado.

O Alexandre Cumbane e Joana Chambo, meus tios, ao meu cunhado Alberto Menete pelo apoio e coragem que me deram.

Finalmente, agradeço a todos os docentes da faculdade, a primeira turma de Sociologia e a todos quanto não foram mencionados mas que reconheço terem contribuído positivamente para o trabalho.

## Resumo

Pobreza, exclusão e desigualdades sociais são fenómenos dominantes na nossa sociedade.

Mendigos, crianças de rua, prostitutas e apanhadores de lixo são exemplos disso, proliferando nas cidades, especialmente na de Maputo.

Foi sobre os apanhadores de lixo da lixeira pública de Hulene que incidiu esta pesquisa, tendo por objectivos: 1) analisar a lixeira como espaço de pobreza e de exclusão social; 2) dar conta da vida das pessoas que aí vivem; 3) mostrar de que maneira a lixeira é um espaço social que contribui para reproduzir o sistema social que produz exclusão e pobreza; 4) contribuir para uma perspectiva mais solidária da sociedade.

Baseados na fenomenologia e no estudo de caso, (1) adoptámos uma amostragem não probabilística com dez apanhadores de lixo, com quem trabalhamos em entrevistas semi-estruturadas e através de um questionário, (2) entrevistámos cinco moradores vizinhos da lixeira, para registarmos as suas percepções sobre os utentes da lixeira do Hulene e (3), dedicamo-nos à observação directa, com 8 observações efectuadas e registo em diário de campo.

A investigação apurou que os apanhadores de lixo são oriundos de famílias pobres, recolhendo diariamente, em relações normalmente conflituosas e agressivas, objectos variados e restos de comida, que consomem localmente ou vendem.

Demonizados pelos habitantes das redondezas da lixeira, conformados com o salve-se quem puder diário, os lixeiros de Hulene não manifestam predisposição para a formação de uma organização sindical que lidere a luta pela defesa dos seus direitos, descrêem do Estado e atribuem a forças supra-humanas (Deus, sorte e destino) quer a causa quer solução dos seus problemas.

---

Assim se reproduz a ordem social vigente em Moçambique, com o seu cortejo de desigualdades e injustiças sociais.

### 1. Introdução

No âmbito do curso de licenciatura em Sociologia da Unidade de Formação e Investigação em Ciências Sociais (UFICS) da Universidade Eduardo Mondlane, este trabalho visa a obtenção do título de licenciado.

O nosso tema é o estudo da exclusão social.

Nas principais cidades de Moçambique, particularmente em Maputo, assistimos, de manhã à noite, a lutas diárias pela sobrevivência social.

Homens, mulheres e crianças ocupam passeios e percorrem longas distâncias, numa grande disputa de espaço, vendendo produtos alimentares, peças de vestuário e outros bens de uso doméstico.

Há muitas pessoas a vasculhar lixo em contentores, latas e sacos, alimentando-se de restos de comida, recuperando garrafas, latas e outros objectos para venda. Como diz Colaço a este respeito, "as condições sociais são desumanizadas quando centenas de cidadãos de Maputo, muitos cheios de feridas, disputam com cães e gatos a satisfação das necessidades básicas num ambiente cheio de ruído, correrias, poeira e fumo."<sup>1</sup>

Às sextas-feiras, grupos de mendigos percorrem toda a zona comercial da cidade, formando longas bichas à entrada dos estabelecimentos comerciais, enquanto crianças se aglomeram nos semáforos pedindo esmola aos automobilistas.

Nas esquinas das grandes avenidas e ruas da cidade, senhoras e raparigas fazem caça ao homem, prostituindo-se a partir de início da noite.

---

<sup>1</sup> *Pesquisa Informa* n.7, CEA, Fev 2002, pp.2-3 (Relatório mensal do projecto 'Sociedade Civil Precarizada em Moçambique').

Estamos confrontados com fenómenos típicos de uma sociedade na qual as desigualdades sociais são a tônica dominante e na qual a luta dura pela sobrevivência caracteriza o quotidiano da maioria das pessoas, enquanto uma minoria tem recursos vitais assegurados.

Como escreveu Serra em "Sociedade Civil Precarizada em Moçambique": "As cidades de Moçambique consolidam-se com dois pólos assimétricos: pequenos centros de bem-estar e de luxo (...), e enormes periferias em que se constituem milhares de configurações<sup>2</sup> de habitações de caniço, chapas de zinco e cartão, pelos dumba-nengues, pelas lixeiras públicas (...), como meios sociais dos excluídos e pobres, formando um mundo de exclusão social. É nestas cidades, onde surgem e se consolidam cada vez mais figuras e associações de excluídos de bem-estar, como pedintes, crianças de rua, frequentadores das latas de lixo e das lixeiras públicas, todos constituindo um universo de excluídos e em situação de pobreza, (...) onde os idosos e deficientes são confrontados com a fragilidade das "redes de protecção social", tudo isto como resultado de pobreza e de processos de exclusão em curso nas cidades moçambicanas."<sup>3</sup>

Tendo em conta a rápida consolidação das cidades do país com dois pólos assimétricos, Serra, utilizando a grelha teórica de Corine Lazarini, categoriza os actores em dois mundos: o problemático e o não problemático.

De acordo com o autor, no mundo não problemático os actores dispoem de recursos vitais assegurados em permanência: alimentação, alojamento, emprego, acesso a serviços de saúde e ensino dignos. Porém, o mesmo não acontece no mundo problemático: aqui é necessário lutar duramente para garantir as bases reprodutivas da vida. Cada dia é uma batalha dura, é um ponto de interrogação, na busca sem tréguas de recursos vitais, por isso, os seus habitantes não vivem, mas sobrevivem<sup>4</sup>. O seu território, como diz Serra, é o da astúcia, dos golpes rápidos, dos biscates, do vende e revende, da prostituição, onde o que aí se ganha não se guarda, o que aí se

---

<sup>2</sup> Entendidas como redes de actores sociais que, devido à dependência recíproca, estão ligados por múltiplos laços formando assim associações interdependentes ou configurações [Elias, Norbert 1991], citado por Serra in *Sociedade Civil Precarizada em Moçambique* (s.d), p. 2, texto não publicado.

<sup>3</sup> *Ibid*, (s.d).

pensa não tem amanhã<sup>5</sup>. Em última análise, “é o mundo das categorias sociais rejeitadas para fora do que a sociedade detém de mais invejável: a esfera dos bens e privilégios económicos”<sup>6</sup>.

É no mundo problemático e periférico “que encontramos actores sociais que, excluídos dos benefícios do bem-estar e das ‘relações sociais normalizantes’<sup>7</sup> da sociedade na ordem social vigente em Moçambique, criam uma contra sociedade com novas regras e novas identidades”<sup>8</sup>.

A pobreza e a exclusão social repelem os actores sociais das relações normais<sup>9</sup>, afastando-os dos benefícios a elas inerentes. Decorrente disto, os actores sociais excluídos e em situação de pobreza criam, como último recurso, seus espaços e “mundos alternativos” (Becker)<sup>10</sup> de vida, como os dumba-nengues, lixeiras públicas, etc.

Num país onde a exclusão social e a pobreza caminham a passos galopantes, muitas pessoas, não tendo outra alternativa, recorrem a “satisfações substitutivas”<sup>11</sup>, quantas vezes perigosas. De acordo com Martine Xiberras, os excluídos do mundo da normalidade forjam uma ordem social alternativa, invisível do exterior. Organizam novos mundos e espaços onde adoptam “modos de vida alternativos”<sup>12</sup>.

É esse o contexto da lixeira pública de Hulene.

Aí, os actores tentam sobreviver, ao mesmo tempo que se conformam com a sua condição. Eles não põem em causa o sistema que os exclui, não se organizam para o fazer. O fundamental para eles não é questionar o sistema, mas usar o melhor possível o que o mundo não problemático abandona. A lixeira, tornada espaço de conformismo, contribui para a estabilidade e para a continuidade da ordem social em curso e, portanto, para a reprodução das desigualdades sociais.

<sup>4</sup> Lazarini, Corine, *Survivre dans le monde sous-prolétaire*. Paris: Presses Universitaires de France, 2000, pp. 1-11.

<sup>5</sup> Editorial de *Pesquisa Informa*, n.2, CEA Jun 200, p.1.

<sup>6</sup> Xiberras, Martine, *As teorias de Exclusão Social: Para Construção Social do Imaginário do Desvio*. Lisboa: Piajet, 1996, p.28.

<sup>7</sup> *Ibid.*, pp.156-176.

<sup>8</sup> Serra, Carlos, *Exclusão, Recomposição e Mestiçagem Sociais*. Maputo: CEA, 1999, p.3.

<sup>9</sup> Temos em conta as relações que os actores estabelecem dentro de um quadro socialmente aceite.

<sup>10</sup> Xiberras, *op. cit.*, p.156.

<sup>11</sup> Sigmund Freud, cit. por Serra em *O desafio de uma medicina bernardiana em Moçambique*. Maputo: Faculdade de Medicina, UEM, 1996, p.22.

<sup>12</sup> Xiberras, *op. cit.*, pp. 36-144.

“A reprodução de uma determinada ordem económica, social e política ou de um sistema exige que se mantenham os diferentes tipos de relações que se estabelecem entre os indivíduos. Exige a manutenção e reprodução de todas as condições sociais”<sup>13</sup>.

As relações têm as instituições como base.

De acordo com Lapassade e Lourau “as instituições são formas de produção e reprodução de uma determinada ordem económica, social e política, que representam elementos de grande interesse sociológico, pois nos permitem analisar o modo como elas se constituem como ideologia e suporte da reprodução social.”<sup>14</sup>

Para assegurar a reprodução, os actores políticos do mundo não problemático lançam mão de várias instituições sociais que ora procuram tornar natural a ordem social (escolas), ora reprimir a contestação (polícia, tribunais). O objectivo final é reproduzir uma ordem social assimétrica, estável e “natural”<sup>15</sup>.

Nesta base, Bourdieu operacionaliza o conceito de reprodução a partir do sistema de ensino, mostrando a contribuição específica que a instituição escolar proporciona à perpetuação da ordem estabelecida e das desigualdades mediante a distribuição desigual do capital cultural<sup>16</sup>.

Para esse autor, todo o sistema de ensino produz e reproduz, pelos meios próprios da instituição, as condições necessárias para a realização da sua função de reprodução cultural, reprodução esta que contribui para a continuidade das relações entre os grupos e as classes, assegurando, assim, a reprodução da ordem social estabelecida. O sistema de ensino perpetua a estrutura das relações de força entre grupos e as desigualdades quando a classe dominante, que partilha um universo simbólico específico, impõe esse mesmo universo simbólico a outros grupos que originalmente partilham um universo simbólico diferente<sup>17</sup>.

Tal como a escola, as igrejas, etc., a lixeira age como um ingrediente da reprodução social das assimetrias. Aí, os actores podem criticar o sistema, mas conformam-se com ele. A isto, alia-se,

<sup>13</sup> Oliveira, M. *et al*, *Sociologia*. Lisboa: Texto Editora, 1995, p.189.

<sup>14</sup> *Ibid.*, p. 201.

<sup>15</sup> *Ibid.*, p. 202.

<sup>16</sup> Bourdieu, P. & Passeron, J. C., *A Reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Lisboa: Vega Universidade, 1970, p. 81.

<sup>17</sup> *Ibid.*, pp. 81-97.

como veremos, a tendência dos actores de atribuir a Deus, à sorte, etc., a razão de ser da situação de pobreza em que se encontram.

Como o afirmam Oliveira et al, “na verdade, só quando cada indivíduo se convencer de que o lugar que lhe foi destinado é o único e legítimo que deve ocupar é que a reprodução das condições sociais ou a ordem social vigentes se verifica”<sup>18</sup>.

Os actores da lixeira do Hulene estão desprovidos de historicidade, a qual, na perspectiva de Alain Touraine, consiste na capacidade de as sociedades e dos grupos sociais lutarem para mudar as condições de vida, de passarem da condição de consumidores à de produtores das suas existências<sup>19</sup>.

E Serra observa: “não há história onde não há questionamento social. Homens doentes não fazem história, sofrem-na. Homens tristes não vão geralmente para frente, mas para trás. (...) o que faz a dignidade dos seres humanos recobre-se sempre da historicidade do que são, impregna-se do poder de que eles dispõem menos para reproduzirem do que para produzirem o que querem ser, menos para responderem à situação social do que para a questionar”<sup>20</sup>.

Compõem estrutura deste trabalho, a introdução na qual apresentamos o contexto social que ditou a escolha do tema desta pesquisa; os objectivos; a justificação onde indicamos a razão da opção pelo tema; a relevância deste; a perspectiva teórica; as questões de partida a que a pesquisa procurou responder e as hipóteses.

O ponto seguinte refere-se a metodologia na qual optamos por uma abordagem fenomenológica cruzada com a etnometodologia, com o estudo de caso como eixo. Adoptamos a amostragem não probabilística ou qualitativa.

As entrevistas semi-estruturadas e a observação directa e livre, com o recurso a anotações em diário de campo foram as técnicas utilizadas. Seguidamente apresentamos o modelo analítico.

No ponto seguinte, sobre os resultados, sintetizam-se os dados obtidos através da observação, do questionário e entrevistas.

Interpretamos os resultados à luz da perspectiva teórica adoptada, no ponto sobre a análise dos resultados. Seguidamente testamos as hipóteses e apresentamos as conclusões.

E, finalmente, no ponto referente a auto-avaliação fazemos a auto-crítica da pesquisa, na qual reconhecemos os pontos fracos do trabalho.

<sup>18</sup> Oliveira et al, op. cit., p.202.

<sup>19</sup> Touraine, Alain, *O Retorno do Actor. Ensaio Sobre a Sociologia*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996., pp. 23-28, 67-150.

<sup>20</sup> Serra, op. cit.. p. 28.

## 2. Objectivos

### Geral

A presente pesquisa teve como objectivo geral analisar a lixeira como espaço de pobreza e de exclusão social.

### Específicos

- a) Dar conta da vida dos actores da lixeira pública de Hulene.
- b) Mostrar de que maneira a lixeira é um espaço que contribui para a reprodução de um sistema social que produz pobreza e exclusão.
- c) Contribuir para uma visão mais solidária da sociedade.

## 3. Justificação

O tema aqui em causa surgiu no âmbito de um projecto de pesquisa intitulado “Sociedade Civil Precarizada em Moçambique”, executado no Centro de Estudos Africanos (CEA) da Universidade Eduardo Mondlane entre 2000 e 2002, sob a direcção de Carlos Serra.

Na qualidade de membro de equipa de investigadores, trabalhámos na lixeira de Hulene.

Aí, perturbou-nos muito ver dezenas de pessoas sobrevivendo com restos de comida e fazendo uso de quase tudo o que outros deitam fora. Estivemos, afinal, confrontados com uma autêntica “socialização do lixo”. Por isso decidimos fazer da vida no Hulene o eixo deste trabalho de licenciatura.

#### 4. Relevância

Ao que sabemos, só existe em Moçambique um estudo sociológico da lixeira executado sob direcção de Carlos Serra, por Carlos Colaço em 1999, intitulado "Os *lixeiros* da cidade de Maputo"<sup>21</sup>.

Esse estudo teve em vista descrever e analisar a vida e as representações sociais dos *lixeiros*.

A nossa intenção é de prosseguir e, se possível, de ampliar o trabalho de Colaço.

Ao mesmo tempo, constitui um desafio para nós contribuirmos para um futuro social mais solidário e mais justo.

Esperamos que este trabalho possa ter utilidade na concepção de políticas coerentes de assistência social e de combate à exclusão.

#### 5. Teorização

Segundo Oscar Lewis, a *cultura da pobreza* remete para um estilo de vida "estável" e persistente, herdado por cada nova geração dentro da mesma linha genealógica<sup>22</sup>.

Na óptica do autor, essa cultura (que forma uma *subcultura* no quadro geral de uma sociedade) tem determinadas características universais que transcendem diferenças regionais, urbanas, rurais e até mesmo nacionais, a saber:

- a) No concernente à componente económica, podem ser considerados os seguintes fenómenos: luta constante pela sobrevivência, desemprego e subemprego, salários baixos, uma miscelânea de ocupações não especializadas, trabalho de menores, ausência de economias e de reservas alimentares em casa, recurso frequente à compra de pequenas quantidades de alimentos várias vezes ao dia à medida do necessário, empenho de bens pessoais, esquemas de crédito informal espontâneo organizado pela

<sup>21</sup> CEA, *Estudos Moçambicanos*, n. 18. UEM.

<sup>22</sup> LEWIS, Óscar, *Os filhos de Sánchez*. Lisboa. Moraes editores, 1970. p. 23.

vizinhança (*tandas* na América latina, espécie de *xitique* em Moçambique) e compra de roupa e mobiliário em segunda mão.

- b) No que concerne a questões sociais: vida em bairros superlotados, espírito gregário.
- c) Outros aspectos: vida orientada para o presente e capacidade fraca para obter vantagens ou fazer planos para futuro, sentido de resignação, sentimento de impotência e fatalismo.

Segundo Lewis, “a atitude crítica em relação a valores e instituições das classes dominantes, o ódio à polícia, a desconfiança perante o governo e todos os que ocupam posições importantes, conferem à cultura da pobreza uma qualidade e um potencial que pode ser utilizado em movimentos políticos interessados em destruir a ordem social existente”<sup>23</sup>.

E, baseando-se na sua experiência de trabalho no México, afirma que “(...) é o pobre que emerge como o verdadeiro herói do México dos nossos dias, porque é ele quem paga o preço do progresso industrial da nação”<sup>24</sup>. E acrescenta: “na verdade, a estabilidade política do México é um testemunho triste da enorme capacidade de suportar a miséria e o sofrimento que caracteriza o mexicano médio. Mas até a capacidade de sofrimento do mexicano tem limites, e a menos que se consiga uma distribuição mais equitativa da riqueza económica nacional e um plano de igualdade ao nível do sacrifício durante o difícil período de industrialização é provável que, mais tarde ou mais cedo, venham a ocorrer grandes transformações sociais”<sup>25</sup>.

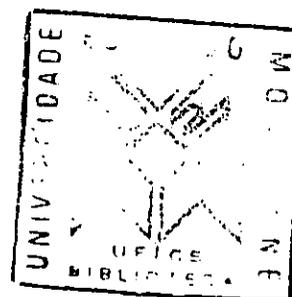
Não estamos em Moçambique confrontados com uma industrialização clássica, mas o quadro das características da cultura de pobreza de Lewis pode ser aplicado no nosso país.

Na lixeira do Hulene existe, de facto, como mostraremos, uma “enorme capacidade de suportar a miséria e o sofrimento”.

Ao quadro teórico de Lewis podemos adicionar a concepção de pobreza do PNUD, para quem a pobreza significa ausência de condições para uma vida longa, saudável e digna, baixo nível da

<sup>23</sup> *Ibid.*, p.25.

<sup>24</sup> *Idem.*



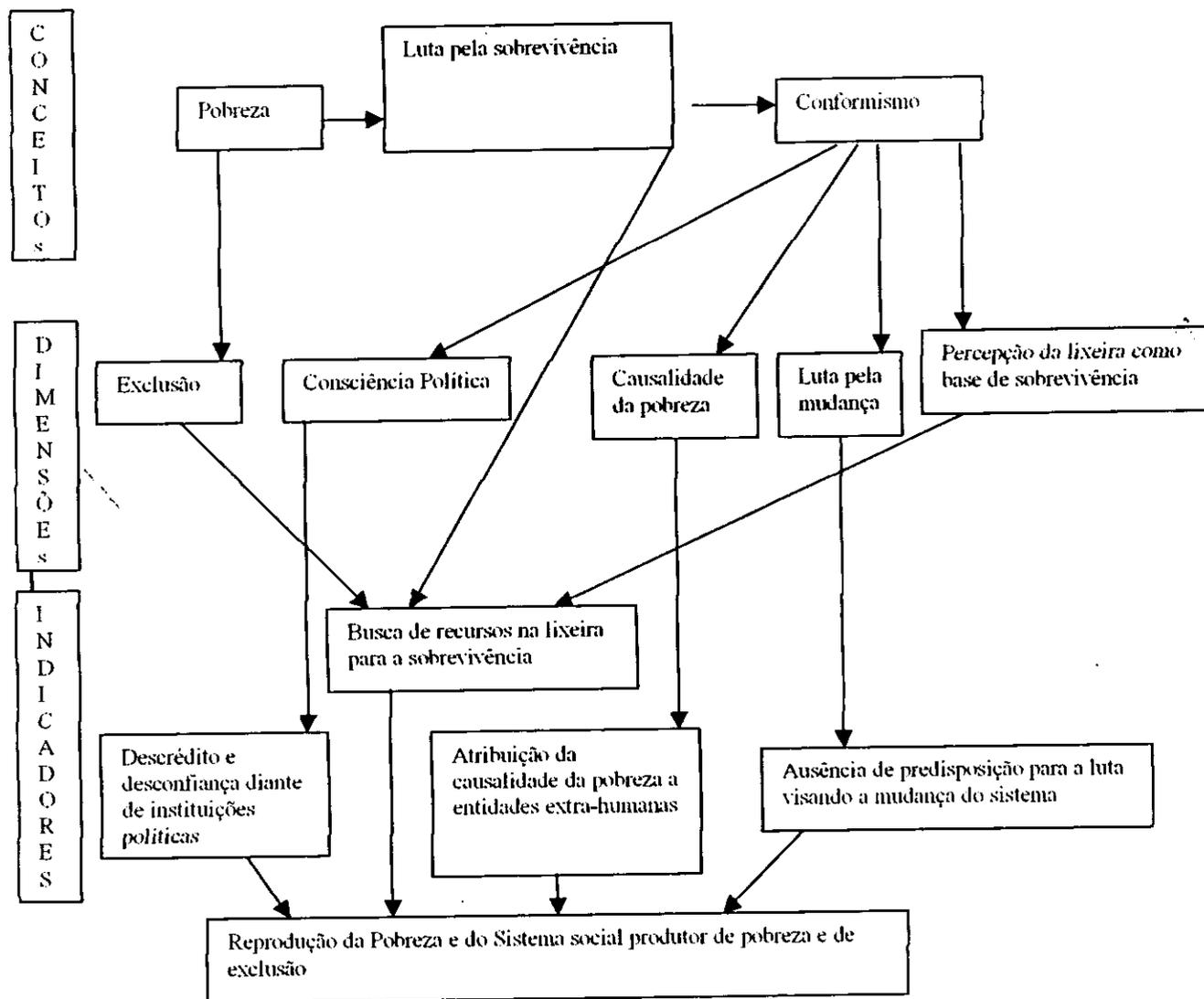
### 9. Modelo de análise<sup>37</sup>

#### Teoria da cultura da pobreza

##### Hipóteses

→ Vivendo do lixo, sem organização sindical e atribuindo a forças meta-empíricas (sorte e Deus) as causas da sua condição, os actores da lixeira vivem conformados com a vida que levam.

→ Sem questionamento organizado, a sociedade pode manter-se “estável” e a injustiça social reproduzir-se.



critérios do pesquisador - GIL, *op. cit.*, p.101.

escolaridade, etc, incluindo privação em termos de saúde e habitação. É a negação das oportunidades e das escolhas mais elementares para o desenvolvimento humano ( vida longa, saudável, criativa)<sup>26</sup>.

Eis algumas dimensões da pobreza:

- exclusão
- fome ou insegurança alimentar
- falta ou insuficiência de rendimento familiar para a satisfação das necessidades essenciais
- falta de acesso à educação básica<sup>27</sup>.

A pobreza é irmã da exclusão.

Por exemplo, Pité define exclusão social como a situação de indivíduos ou grupos sociais que vivem à margem da sociedade, excluídos dos processos de satisfação das suas necessidades primárias<sup>28</sup>.

Por sua vez, Martine Xiberras refere várias categorias de excluídos, apontando dentre elas todas aquelas categorias de pessoas privadas do usufruto dos benefícios de bem-estar das relações sociais vigentes na sociedade, os desempregados, as pessoas afastadas dos nossos espaços de vida, dos nossos mercados materiais e ou simbólicos e dos nossos valores, os incapazes de participar no mercado de consumo, os que não têm inserção no jogo de relações normais dos termos de troca mútua, material e simbólica, etc.<sup>29</sup>

São, enfim, todos aqueles que são mantidos afastados do *centro* da sociedade, não tendo nela acolhimento<sup>30</sup>.

---

<sup>25</sup> *Ibid.*, p. 28.

<sup>26</sup> PNUD, *Relatório de Desenvolvimento Humano*. Maputo, 1997, pp. 27-52.

<sup>27</sup> *Ibid.*, p. 5.

<sup>28</sup> PITÉ, Jorge, *Dicionário Breve de Sociologia*. Lisboa: Editorial Presença, 1997, p. 58.

<sup>29</sup> Xiberras, *op. cit.*, p. 22.

<sup>30</sup> PNUD, *op. cit.*, p. 22.

## 6. Questões de partida

A pesquisa foi orientada por três perguntas de partida:

1. Como vivem os actores na lixeira pública de Hulene?
2. De que maneira se reproduzem as condições de pobreza em que se encontram?
3. De que maneira a lixeira contribui para a reprodução da ordem social vigente em Moçambique?

## 7. Hipóteses

Foram consideradas as seguintes duas hipóteses:

1. Vivendo do lixo, sem organização sindical e atribuindo a forças meta-empíricas (sorte, Deus) as causas da sua condição, os actores da lixeira vivem conformados com a vida que levam.
2. Sem questionamento organizado, a sociedade pode manter-se "estável", reproduzindo-se as desigualdades e as injustiças sociais.

## 8. Metodologia

Esta pesquisa é qualitativa e baseada na fenomenologia enquanto referencial teórico e método. Enquanto pesquisa qualitativa, o estudo de caso foi o eixo de trabalho<sup>31</sup>.

A fenomenologia foi criada por alemão Edmund Husserl (1859-1938). Mas foi Alfred Schutz quem a aplicou em sociologia.

O objectivo da fenomenologia é a exposição do espaço, do tempo e do "mundo vivido". É um ensaio de uma descrição directa, do fenómeno *tal como ele é*<sup>32</sup>.

<sup>31</sup> TRIVIÑOS, Augusto. N. S., *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: Pesquisa qualitativa em Educação*. São Paulo: Atlas, 1987. p. 133.

<sup>32</sup>GIL, A.C., *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. S. Paulo: Atlas, 1999, pp. 32-33.

“Avançar para as próprias coisas (...), para o dado, o fenómeno, aquilo que é visto diante da consciência é a fundamental regra do método fenomenológico. Este não é dedutivo. Consiste em mostrar o que é dado e em esclarecê-lo”<sup>33</sup>.

Portanto, em fenomenologia analisam-se as percepções dentro de uma realidade imediata, buscando o significado e os pressupostos dos fenómenos sem avançar em suas raízes históricas.

Do ponto de vista fenomenológico, a realidade é o compreendido, o interpretado, o comunicado. Assim, não há, para a fenomenologia, uma única realidade, mas tantas quantas forem suas interpretações. Para esta perspectiva o sujeito é importante no processo da construção do conhecimento.

Para entendermos o real temos de investigar a consciência. O que faz da acção um acto ou fenómeno social são as interpretações que as pessoas intervenientes nesse acto dão, o que lhe dá significado.

Para investigar o fenómeno temos de investigar as suas manifestações mais simples. No dia-a-dia onde existem os significados. Temos que ir às próprias coisas e descrevê-las<sup>34</sup>.

Adoptada a fenomenologia como método, cruzámo-la com a etnometodologia de Harold Garfinkel, para quem está em vista o “raciocínio sociológico prático” numa tentativa para analisar os procedimentos que os indivíduos utilizam para levar a termo as diferentes operações que realizam em sua vida quotidiana<sup>35</sup>.

Para pôr em prática o nosso método de trabalho, considerámos as variáveis idade, estado civil, sexo, grau de escolaridade e situação sócio-económica das famílias dos actores.

Como indicadores, tivemos em conta a falta de acesso à educação, o desemprego, a ausência regular de alimentos, a nudez.

---

<sup>33</sup> Ibidem.

<sup>34</sup> TRIVIÑOS, *op. cit.*, pp. 42-43; GIL, *op. cit.*, p. 33.

<sup>35</sup> *Ibid.*, pp. 40-41; PITÉ, *op. cit.*, p. 56.

---

Por outro lado, adoptámos a amostragem não probabilística ou qualitativa<sup>36</sup>.

Seleccionámos 10 actores da lixeira para serem entrevistados e deles obtermos as histórias de vida.

Por outro lado, entrevistámos também 5 moradores vizinhos da lixeira.

Esta pesquisa, cujo trabalho de campo se realizou entre Março e Maio de 2002, cobriu menores, jovens e adultos sem discriminação de sexo.

Trabalhámos com entrevistas semi-estruturadas (histórias de vida baseadas em guião de entrevista) e com a observação directa e livre (estruturada com anotações em diário de campo).

---

<sup>36</sup> Tipo de amostragem que não apresenta fundamentação matemática ou estatística, isto é, em que a escolha de elementos de amostra não obedece a critérios matemáticos ou a leis estatísticas, dependendo unicamente de

## 10. Resultados da pesquisa

### a) Observação

A lixeira localiza-se no bairro peri-urbano de Hulene, na cidade de Maputo, um dos bairros pobres da cidade.

Ela ocupa um vasto espaço. No sentido Sul-Norte ocupa o espaço entre a serração existente junto à entrada da lixeira, no extremo Sul, depois de Hulene-Expresso e a zona residencial; no extremo Leste é limitada pelo bairro de Laulane. Este e a lixeira são separados pelo prolongamento da Avenida Julius Nyerere. Paralelamente a esta, há um muro construído em 2002 para barrar a expansão do lixo pela estrada e pelo bairro de Laulane.

Pelos extremos Norte, Oeste e parte sul estendem-se as residências.

Existe um corredor que divide a lixeira em duas partes, estendendo-se a partir da entrada da lixeira até ao extremo oeste.

O lixo ocupa algum espaço das residências, fazendo com que os moradores das imediações da lixeira façam face ao cheiro nauseabundo, ao fumo e às moscas.

A lixeira é frequentada por crianças, jovens e adultos de ambos os sexos, incluindo famílias inteiras e, até, por pessoas idosas, que recolhem diversos objectos.

Os jovens são o grupo maioritário na lixeira. Muitos deles usam brincos e tatuagens, a sua roupa é muito suja, os sapatos, quando os têm, estão cambados. Mas há também jovens descalços, percorrendo a lixeira repleta de objectos contundentes e vários têm os pés feridos por causa disso.

---

<sup>37</sup> Inspirado em OSÓRIO, Conceição *et al*, *Mulher e autarquias*. Maputo, CEA/UEM, 2001, p.11; QUIVY, Raymond e CAMPENHOUDT, Luc Van, *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva, 1992,

Os frequentadores da lixeira são oriundos de famílias vivendo em situação de pobreza, residem nos bairros de Hulene e Laulane, a maior parte é desempregada, formada por jovens e crianças.

Dentre estes grupos, alguns estudam, mas a maior parte não frequenta escolas.

Do exterior, na zona de entrada, tem-se a impressão de que estamos perante uma lavoura ou uma sementeira, tantas são as pessoas curvadas esgaratando o lixo.

Os locais preferencialmente ocupados pelos utentes situam-se ao longo do muro da serração.

Aqui estão predominantemente mulheres adultas e idosas que se instalam debaixo de pequenos alpendres de paus finos e sacos por elas feitos, para se abrigarem do sol.

Mas há outros que ocupam locais situados entre montes de lixo feitos por "buldozers" que operam na lixeira.

Outros, ainda, ocupam ainda áreas próximas da zona onde se deposita o lixo, para imediatamente procederem à selecção do que mais lhes interessa.

Os jovens posicionam-se à entrada da lixeira, aguardando a chegada dos carros do lixo.

Mal amanhece, os utentes chegam.

Os frequentadores estabelecem relações seja entre si, seja com pessoas que acorrem à lixeira não para colectarem lixo, mas, por exemplo, para comprarem o que estiver à venda.

As relações são por vezes conflituosas.

A luta pela sobrevivência é empreendida num ambiente cheio de sujidade. O cheiro é nauseabundo.

Durante o dia, a lixeira fica repleto de grandes nuvens de fumo proveniente da combustão de diversos tipos de lixo em estado último de putrefacção. Há, também, muita poeira, resultado do movimento dos carros que chegam a grande velocidade para depositar lixo. Finalmente, por todo o lado voam e pousam moscas.

A luta pelos recursos é dura logo à entrada da lixeira com a chegada dos carros. Aí, os jovens, favorecidos pela força e pela juventude, interceptam-nos um a um, apesar da velocidade, subindo para as carroçarias, onde imediatamente procedem à selecção dos objectos que lhes agradam.

Descarregados os carros, é a vez da entrada em acção daqueles que não têm a força e a audácia dos jovens, aí compreendidas as mulheres e as crianças, vasculhando o entulho com gadanhas que parecem anzóis compridos.

Na concorrência pela apropriação do “melhor lixo”, tanto à entrada como no interior da lixeira, os frequentadores da lixeira entram em conflitos que culminam em insultos (os quais normalmente fazem referência aos órgãos genitais) e, por vezes, em agressões.

Sendo o movimento de carros que descarregam lixo maior no período de manhã, é nesta altura que o movimento de recolha é mais intenso.

Parte do lixo seleccionado é imediatamente vendida na lixeira. A outra parte é levada para casa. Os jovens trabalham atentamente na recolha de restos de comida ou de alimentos deteriorados provenientes dos hotéis e do supermercado *Shoprite* (aí compreendidos os ovos podres). O que aparece é preparado e comido na lixeira. Por exemplo, os ovos são estrelados em latas metálicas e assam pedaços de carne e peixe.

Os jovens recuperam também plásticos, papel e objectos metálicos, nomeadamente fios de bronze, cobre, ferro e alumínio, jantes de pneus, etc. Estes objectos são vendidos dentro da lixeira. Os compradores desses objectos são menores de aproximadamente 12 anos de idade, a mando de indivíduos envolvidos numa rede de negócio de metais. Estes indivíduos dão dinheiro a menores para várias tarefas.

As mulheres, incluindo as idosas, recolhem produtos alimentares, lenha, restos de carvão, latas, garrafas de refresco, pedras, etc.

A lixeira é motivo para uma actividade comercial variada. Diariamente, fixando-se nos sítios mais frequentados, surgem mulheres e raparigas com bacias à cabeça contendo pão, *badjias*<sup>38</sup> latas plásticas de *maheu*<sup>39</sup>, refeições de peixe e carne, água gelada e sumo de morango, tudo coberto de moscas.

Essas mulheres disseram-nos que não têm acesso aos mercados por não poderem pagar as taxas exigidas, enquanto que na lixeira ninguém lhes cobra nada.

Por outro lado, os frequentadores da lixeira do Hulene aproveitam-se da roupa fornecida por uma ONG religiosa norte-americana, denominada ministério Arco-Iris, localizada no bairro de Zimpeto. Os membros dessa ONG aparecem na lixeira às sextas feiras de manhã e aos domingos, para, além de realizarem missas, reunirem com os utentes e moradores da lixeira e prestarem assistência médica e medicamentosa.

No contexto da assistência prestada aos utentes da lixeira, um carro que deposita restos de comida do supermercado Shoprite distribui garrafas de água mineral aos jovens situados à entrada.

Na recolha de lixo participam também funcionários do Conselho Municipal afectos à lixeira. Os funcionários condutores dos carros que depositam lixo vendem combustível em bidões aos jovens, que por sua vez o revendem. Por vezes esses funcionários também são vítimas de assaltos. Na lixeira, os funcionários aí afectos têm uma pocilga e alimentam os porcos com produtos apanhados no lixo.

É possível encontrar crianças brincando e jovens jogando cartas a dinheiro.

Por vezes aparecem polícias, o que leva os jovens situados à entrada da lixeira a fugir, regressando logo que aqueles se vão embora.

## **b) Grau de conformismo avaliado através de questionário**

<sup>38</sup> Produto resultante da fritagem de uma fusão de massa de feijão fermentado, piri-piri e cebola.

<sup>39</sup> Produto fluido resultante do cozimento de farinha de milho fermentado e açucarado.

Foi difícil o primeiro contacto com os jovens colocados à entrada da lixeira. Nós estávamos receosos e não sabíamos se seríamos agredidos.

Por sua vez, os jovens temiam a nossa condição, receavam que fôssemos jornalistas ou funcionários governamentais. Alguns pura e simplesmente decidiram não falar connosco.

Após algum tempo a explicar quem éramos e o que pretendíamos, foi possível convencer alguns a responder ao nosso questionário<sup>40</sup>, persuadidos de que poderíamos interceder por eles junto ao Governo.

As questões foram, de uma forma geral, compreendidas com facilidade.

Houve 80% de concordância na questão *Deus é que quis que eu leve a vida que levo aqui*.

As afirmações *Só Deus é que sabe o que a minha vida há-de ser no futuro* e *Enquanto Deus não dá outra sorte na minha vida, consigo viver com o que apanho aqui* registaram 100% de concordância.

Porém, surgiram 50% de discordância e 40% de indecisão na questão *São os espíritos dos mortos que complicam a minha vida*.

Na questão *Protestar contra o Governo é perder tempo porque nada vai fazer para mudar a nossa vida*, houve 90 % de concordância<sup>41</sup>.

Houve 100% de concordância no quesito *Vale a pena estar aqui na lixeira a desenrascar a vida*.

Mas o mesmo não se verificou no quesito *A minha vida será de pobreza para sempre. não vai mudar*. Com efeito, aqui os inquiridos demonstraram indecisão em 50% e discordância em 30 %. Isto parece revelar um fundo de esperança não apagado pela vida na lixeira. Mas essa

---

<sup>40</sup> O questionário (veja modelo no anexo IV), destinado a avaliar o grau de conformismo, foi administrado a 10 utentes da lixeira, sendo 7 homens e 3 mulheres, com idades compreendidas entre os 19 e os 54 anos, mas com a maioria (6) situada entre os 19 e os 24. Nos homens, 4 estavam casados; nas mulheres, uma era casada, outra divorciada e a terceira, viúva. Quanto ao grau de escolaridade nos homens, apenas um indivíduo tinha concluído a 7ª classe, 3 tinham concluído a 6ª e 3 respectivamente a 1ª, a 4ª e a 6ª classes; as três mulheres não tinham frequentado a escola. Todos aqueles que frequentaram a escola disseram-nos ter interrompido os estudos por não terem dinheiro.

esperança, segundo comentários feitos pelos inquiridos, depende inteiramente da vontade de Deus.

Finalmente, há predominância de concordância nas afirmações relativas à consciência política. Nas afirmações 8 e 10, respectivamente *Com o Governo que temos, não espero mudança na vida que levo* e *O Estado nada faz para melhorar a vida dos pobres*, houve 70 % de concordância, enquanto que na afirmação 9, *Votar aqui em Moçambique é enriquecer os outros, por isso nem vale a pena votar*, verificou-se um equilíbrio entre concordância e discordância (50 %).

#### **c) Dia-a-dia avaliado pelas entrevistas**

Além da administração do questionário, fizemos também entrevistas, uma aos utentes da lixeira, outras aos vizinhos que moram junto a ela.

As primeiras<sup>42</sup> destinavam-se a tornar mais profundo o conjunto de percepções obtidas no questionário; as segundas tinham por objectivo conhecer a opinião dos vizinhos da lixeira sobre os utentes desta.

Na sua maioria os jovens disseram que frequentavam a lixeira desde a infância, quando estudavam, por influência de amigos ou de vizinhos que frequentavam a lixeira, e que tinham abandonado os estudos por os pais não terem condições financeiras para cobrir as despesas escolares. Dos entrevistados apenas um concluiu a 7ª classe. Os mais velhos argumentaram que frequentavam a lixeira por absoluta necessidade e por não terem outra forma de subsistência na vida.

---

<sup>41</sup> Aqui registámos alguns comentários feitos pelos inquiridos, do género: *Por mais que se lute o Governo nada fará para mudar a nossa vida, Só se esforça para o bem das suas famílias e Se se lutar aparece a policia para reprimir.*

<sup>42</sup> Foram entrevistadas 10 pessoas, sete homens e três mulheres, com idades entre 19 e 54 anos, com as idades mais frequentes situadas entre os 24 anos. Oito viviam no bairro de Hulene, um em Laulane e o terceiro em Malhazine. Todos eram oriundos das províncias de Maputo, Gaza e Inhambane.

Eis os extractos das afirmações feitas para a nossa primeira questão (percurso de vida, veja o modelo de entrevista no anexo II):

*“ (...) frequento a lixeira desde os meus 11 anos, mesmo quando estudava ...”* ( Vidal Moisés, 22 anos, casado).

*“ (...) durante a guerra FRELIMO-RENAMO vim para Maputo. Nos primeiros dias comia restos de comida trazida por carros da ONUMOZ, até agora estou acostumado a viver aqui”* (Anónimo, 23 anos, 6ª classe, solteiro).

*“ (...) vim aqui desde pequeno divertir, levando muita coisa. Os meus amigos influenciaram-me para eu vir aqui. Por causa da fome eu não ficava saciado (...)”* ( Joaquim Ernesto, 19 anos, 3ª classe do SNE).

*“ (...)” os meus pais não tinham condições para custear os meus estudos, por isso deixei de estudar. Os meus amigos despertaram-me para vir aqui. Vinhamos procurar fios para fazer carrinhas. Mais tarde procurámos arrames, coisas para vender para podermos assistir ao video* (Viriato Augusto, 20 anos, 6ª classe do SNE).

*“ (...) trabalhei na empresa de fabrico de vestuário- ZORRA. Esta empresa faliu (...). Mais tarde trabalhei como contratado na MAGIM-confecções. Em consequência da política de racionalização da mão-de-obra, o contrato rescindiu e fiquei desempregado a partir de Novembro de 2001, até que vim aqui porque vi que aqui era a única alternativa para a minha sobrevivência”*( Santos Macanja, 44 anos, 7ª classe da era colonial).

Por sua vez, Justino António, 24 anos afirmou: *“ (...) vim de Zavala durante a guerra dos 16 anos, em 1992 (...), quando cheguei, procurei emprego mas não encontrei e era menor de idade. Comecei a vir aqui com o meu pai à procura de lenha em 1999. Aqui vi muitos jovens que desenrascavam. A partir dessa altura comecei também a procurar muitas coisas como ferro e até hoje que venho sempre aqui”*.

Com a segunda questão pretendíamos saber desde quando os nossos entrevistados frequentavam a lixeira. Aqui, a amplitude variou entre os anos de 1992 e 2001.

Sobre o que entendiam por lixo, as respostas convergiram:

*“Considero lixo como minha vida porque é tudo o que consigo nisto que se chama lixo, tudo o que as pessoas deitam porque não tem mais utilidade”* ( Vidal Moisés).

*“ O lixo é minha vida porque com ele vivo. Considero boa vida para mim porque é a base da minha vida. Para eles é lixo o que trazem aqui, mas para nós não é lixo. Mesmo carne que os cães deixam é útil para mim porque me sustenta”* ( Viriato Honwana).

*“ Porque aqui é lixeira, isto é lixo. Mas estamos porque não temos nada. Lixo é tudo aquilo que é deixado porque já está fora de uso, mas que é aproveitado por quem nada tem”* (Eva, 54 anos).

Perguntou-se, depois, aos utentes da lixeira o que entendiam por pobreza. As respostas foram unânimes:

*“ Pobreza é sofrimento como o que a gente passa, viver na lixeira”* ( Paulo Nassone).

Por sua vez, Santos Macanja entende a pobreza como sendo *“ desemprego, como sua fonte porque se houvesse emprego pouca gente estaria aqui. Mas porque não temos emprego, vivemos na pobreza”*.

Sobre a origem social das suas famílias, a maioria dos entrevistados afirmou que elas viviam com grandes dificuldades<sup>43</sup>.

Quando solicitados a contar como se vive na lixeira, o panorama descrito foi o mesmo: na lixeira vive-se numa permanente procura de comida para consumo imediato, comida que é lavada, cozida e consumida na própria lixeira, tudo misturado com luta e agressão.

Subir para as viaturas que trazem lixo é uma aventura. O jovem Vidal Moisés afirmou, a propósito: *“ Persigo os carros para apanhar coisas. Se vejo que isto é útil, apanho para comer*

---

<sup>43</sup> Apenas um entrevistado afirmou que os membros da sua família tinham emprego.

*e para vender (...) alguns morrem ao subir os carros. Aparece a policia e prende alguns jovens para a cadeia. Os policia dizem: Levem esses suínos! Mas nós não fazemos nada de mal. Este Governo, pá!"*

Por sua vez, um jovem que quis manter o anonimato afirmou que *"estamos aqui a procurar qualquer coisa para evitar a fome."*

Um outro confidenciou-nos: *"Apanhamos o lixo, coisas para comer, muitos produtos. Subimos carros, às vezes caímos e ferimo-nos. Ficamos doentes por causa de poeira"* (Joaquim Chichava).

Respondendo à pergunta sobre se estavam organizados em associações de defesa dos seus direitos, todos os entrevistados responderam negativamente. O lema é: cada um por si.

*"Ninguém se preocupa com isso. Como vê, aqui é guerra para conseguir qualquer coisa. Não há tempo para contactar outras pessoas"* (jovem falando na condição de anonimato).

O jovem Viriato questionou: *"De que maneira? e acrescentou: "Nós não temos nenhuma forma de luta porque cada um vem buscar coisas à sua maneira."*

*Uma senhora idosa (Eva): "Não temos nenhuma associação. Cada um vem atender a sua vida. Nem podemos fazer manifestações porque não temos poderes"*.

Quando se perguntou aos entrevistados o que tiravam da lixeira, referiram-se a objectos de ferro, alumínio, fios de cobre, garrafas plásticas e de vidro, lenha, carvão, restos de carne, arroz cru e cozido, trapos trazidos por fábricas de roupa e posteriormente vendidos aos produtores de almofadas e colchões; pneus, papel, panelas estragadas, ripas de madeira vendidas na lixeira que depois são revendidas nos mercados, pedras também para a venda, bidões, recipientes de água mineral (estes últimos são vendidos no Vulcano), etc.

Os preços variam: 1 kg de alumínio ou de outros metais oscila entre 5 e 6 mil meticais. No tocante à lataria, disse-nos Eva :*" (...) completa uma tonelada<sup>44</sup> de latas, vem um carro*

<sup>44</sup> Quem o disse é um individuo iletrado, que por isso não tem a noção do que é uma tonelada. Para ele, desde que se acumule uma quantidade de latas que encham o camião, já se tem uma tonelada.

*carregar e ganhamos 200 mil meticais ou menos. É difícil mas porque não temos alternativa, suportamos” (Eva).*

Da lenha recolhida, uma parte é vendida e a outra utilizada em casa.

A lixeira é o centro de vida de muita gente.

Eis os testemunhos: *“Com a lixeira faço tudo. A partir dos meus 11 anos até hoje que tenho 22 nunca fui a casa de ninguém roubar, por isso é útil para mim”* ( Vidal Moisés).

*“É muito importante porque sobrevivo por causa da lixeira porque não sei que vida eu teria se não houvesse esta lixeira”* ( jovem falando em condição de anonimato).

*“A lixeira é importante porque me sustenta. O que encontro aqui vendo para sustentar a minha família ”* (Viriato Augusto).’

*“Ajuda na minha vida. Eu não trabalho, mas aqui consigo qualquer coisa para sustentar a alimentação. Por exemplo, estou a estudar graças ao que ganho com os produtos da lixeira”* (Paulo Nassone).

Com o objectivo de avaliar o conformismo dos entrevistados, quisemos saber se eles tinham planos para abandonar a lixeira. Todos afirmaram que sim, mas que lá continuavam por não terem outras alternativas.

Como sustentou o jovem falando em condição de anonimato: *“Penso todos os dias. Mas não sei como posso sair para viver uma vida boa.”*

Na mesma linha falou Joaquim Chichava: *“Sim, há muito tempo. Mas porque não tenho emprego, continuo aqui”*.<sup>45</sup>

Relativamente ao Governo, a maioria dos frequentadores da lixeira do Hulene foi da opinião de que ele não se esforça por melhorar as suas condições de vida, apenas se preocupando com a cobrança de impostos<sup>46</sup>.

---

<sup>45</sup> Porém, respostas contrárias foram as de Eva (50 anos) e ester Cossa ( 54 anos): *“Não pensamos nada porque não temos alternativa. Estamos aqui há bastante tempo. Não imaginamos outro tipo de vida e só esperamos o fim da nossa vida.”*

---

*“ O Governo não faz nada. Só tende a explorar. Por exemplo, as taxas de lixo que o Governo introduziu. Adoro o Governo mas ele não faz nada (...) as pessoas fazem barracas para sobreviver mas o Governo lhes cobra dinheiro (...) quando fazem campanha para as eleições prometem resolver os problemas da pobreza, mas quando chegam ao poder não fazem nada, só recebem biliões”* (Santos Macanja, 44 anos).

Sobre as formas através das quais se poderia combater a pobreza e as desigualdades sociais, as opiniões dos utentes convergiram. Sugeriram que o Governo devia proporcionar oportunidades de emprego e educação para os pobres, para poderem abandonar o tipo de vida que levam, construir escolas perto da lixeira e centros de costura para mulheres.

*“O Governo devia garantir emprego para nós, para deixarmos este tipo de vida”* (Justino António, 24 anos).

Quando se lhes perguntou se alguma vez tinham procurado emprego fora da lixeira, responderam afirmativamente, mas que tinha sido em vão, pois eles não têm diplomas escolares.

*“ Já procurei mas não obtive, em toda a cidade tentei vender coisas mas os polícias levaram tudo e exigiram dinheiro para a sua recuperação, eu não tinha. Por isso prefiro estar aqui na lixeira de novo.”*

Mas Ester Cossa tinha uma opinião mais positiva: *“Não procuro emprego porque vale a pena vir aqui (...), mesmo aquele que trabalha recebe por exemplo 300 mil meticais e todo o dinheiro gasta no chapa. E eu ganho mais do que isso aqui na lixeira”*.

Quando se perguntou se alguma vez solicitaram apoio a qualquer instituição estatal ou filantrópica, a resposta da maioria dos utentes foi, também, unânime: não, quer por medo de represálias do Estado, quer por desconhecerem quais são as instituições filantrópicas existentes.

---

<sup>46</sup> Estes não são cobrados aos actores da lixeira. Mas estes têm a percepção de que o Estado cobra impostos aos cidadãos. Referiram-se também às taxas de lixo cobradas aos municípios.

Que apenas recebiam apoio em vestuário, alimentação, assistência médica e espiritual por parte do "ministério Arco-Iris"<sup>47</sup>.

Sobre o receio, por exemplo, vejamos duas opiniões:

*" Não temos possibilidades de falar com o Governo (...) Temos medo, senão nos vão pegar e colocar-nos na cadeia" (Vidal Moisés).*

*" Não. Nunca porque se a gente sai daqui ir pedir apoio a alguma instituição vão dizer que somos malucos" (Viriato Augusto).*

Quando se perguntou se esperavam mudanças para melhor nas suas vidas, uma maioria (4 entrevistados) afirmou que isso só Deus sabia e uma minoria (2) disse que tudo dependia de arranjar emprego. Um deles acredita na mudança pois ainda é jovem, e que por isso vai lutar para mudar o curso da sua vida; e 3 não esperam melhoria na sua vida.

Sobre esta questão o jovem Justino António, por exemplo, afirmou: *" Não acredito que a minha vida vai mudar. Com a vida que levo aqui, não espero nada de mudança. "*

*" Talvez um dia a minha vida mude. Se Deus me der a vida. Com esta minha vida sem nada, tenho muitas dúvidas. "*

Finalmente, em relação àquilo que os utentes acham que as pessoas em geral e os vizinhos da lixeira em particular pensam deles, todos os nossos entrevistados afirmaram que os moradores vizinhos da lixeira lhes chamavam *molwenes* e marginais, que os consideravam mandriões e dados ao roubo.

*" Dizem que somos molwenes mas não querem saber que nós também somos pessoas como elas. Estamos aqui por causa da pobreza. " (Elisa Magaia, 49 anos).*

*" Dizem que nós vivemos e dormimos aqui. Quando as pessoas passam de carro dizem que somos molwenes, que vivemos e fazemos filhos aqui. Mas nós não somos malucos para fazer isso. " (desabafo de Eva).*

---

<sup>47</sup> É uma organização religiosa norte-americana situada em Zimpeto, que promove cultos, formação profissional e assistência social a pessoas necessitadas.

#### d) Posições dos vizinhos<sup>48</sup> da lixeira

Todos os entrevistados afirmaram que muitas pessoas vão à lixeira em busca de recursos para assegurar a sua sobrevivência, que vão *desenrascar* a vida porque não há emprego e que não têm nada para comer devido à pobreza e ao elevado custo de vida na cidade de Maputo. Mas também não excluíram a existência de jovens que, não se entendendo com os pais, se refugiam na lixeira.

*“ Nesta cidade não há emprego. Algumas pessoas chegam porque estão na pobreza (...), outros jovens, mesmo tendo pais para lhes sustentar, vêm aqui. Mas realmente há pessoas que vêm à lixeira porque não têm nada. Mas as pessoas chamam-lhes molwenes. ”* (Celeste, 28 anos).

*“As pessoas vêm à lixeira porque não têm nada para comer (...). Vêm à lixeira para buscar alguma coisa que possam vender e comprar alimentos. As pessoas chamam-lhes molwenes porque não sabem qual é a sua situação”*(Alfeu, 44 anos).

Na mesma linha de pensamento, Armindo Eugénio, 36 anos, opinou: *“ O governo deve tomar precauções porque estas pessoas vêm para aqui porque não têm o mínimo para a sua sobrevivência por causa de custo de vida que é elevado. Por isso, as pessoas recorrem a este tipo de vida. Molwenes é o nome vulgar mas não é o termo correcto. (...) as pessoas vão à lixeira não porque querem. ”*

Perguntou-se aos moradores se sabiam quando a lixeira começara a ser utilizada, ao que responderam não saber, mas que, acrescentaram, começara havia muito tempo.

Por fim, quando se lhes pediu a opinião sobre o que o Governo devia fazer no tocante aos frequentadores da lixeira, responderam que o Governo devia assegurar empregos.

### 11. Análise dos resultados

---

<sup>48</sup> Entrevistámos três homens e duas mulheres, escolhidos aleatoriamente. Cada vizinho respondeu a três questões destinadas a conhecer a sua opinião quer sobre os utentes da lixeira, quer sobre a vida na lixeira.

Devido à pobreza e aos processos de exclusão em curso nas cidades moçambicanas, particularmente em Maputo, assistimos diariamente a uma luta pela sobrevivência, luta caracterizada por uma série de fenómenos típicos de uma sociedade na qual as desigualdades e injustiças sociais constituem a tónica dominante.

No âmbito desta luta, os indivíduos em situação de exclusão criam e organizam novos espaços de vida com modos de vida alternativos - autênticas "satisfações substitutivas" -, nomeadamente em dumba-nengues, lixeiras públicas, etc. É o que se passa no Hulene, onde os lixeiros sobrevivem socializando o lixo que recuperam, ao mesmo tempo que se conformam com a sua condição.

Conformados com a sua situação, tornada a lixeira espaço de conformismo, contribuem para a reprodução das condições de pobreza em que se encontram.

Tornada espaço de conformismo, a lixeira contribui para a estabilidade e para a continuidade do sistema social vigente e, portanto, para a persistência das desigualdades e das injustiças sociais inerentes. Esta é a nossa tese.

Nas páginas seguintes procuraremos demonstrar isso. Para o efeito, inspirar-nos-emos no quadro teórico e conceptual anteriormente mostrado e nos dados já apresentados.

O uso da lixeira como fonte de recursos vitais enquadra-se na luta constante pela sobrevivência, luta que, segundo Oscar Lewis, caracteriza a cultura de pobreza enquanto estilo de vida estável e persistente adaptado pelos actores pobres como forma de resposta à situação a que estão votados.

A lixeira pública de Hulene é frequentada por actores pobres e excluídos.

Como afirmam Jean Étienne *et al*, "o pobre é aquele que não pode obter os bens de primeira necessidade, nomeadamente alimentação, alojamento e vestuário - os géneros necessários ao

sustento da vida e todas as coisas de que as pessoas honestas não se poderiam decentemente privar.<sup>49</sup>

Esses autores afirmam que a pobreza se transforma em exclusão quando o nível de recursos disponíveis é escasso para que o indivíduo ou família participem realmente na vida social, isto é, numa vida social digna.

Segundo o PNUD, são exemplos de pobreza o baixo nível de escolaridade e a negação das escolhas mais elementares para o desenvolvimento humano. Fome ou insegurança alimentar, falta ou insuficiência de rendimento familiar para a satisfação das necessidades essenciais, falta de acesso a educação básica e exclusão são dimensões do fenómeno.

Como vimos anteriormente, Martine Xiberras e Jean Étienne *et al* citam, como exemplos de excluídos, as categorias de actores privados do usufruto dos benefícios de bem-estar das relações sociais vigentes; as pessoas afastadas dos nossos espaços de vida, dos nossos mercados materiais; os incapazes de participar no mercado de consumo, os excluídos do emprego e da educação.

Esses autores acrescentam que a exclusão do modo de vida dominante faz-se através de acumulação de limitações na maior parte dos domínios da vida social, como fracasso escolar, dificuldade de inserção profissional, etc.<sup>50</sup>

Em última análise, os excluídos "são todos aqueles que são mantidos afastados do centro da sociedade". Centro onde, segundo Serge Paugam, se encontra uma população estável, bem inserida profissionalmente e integrada socialmente, encontrando-se do lado oposto uma população em retirada, duravelmente afastada do mercado de trabalho.

Verificámos que os actores que diariamente recorrem à lixeira à busca de recursos para a sua sobrevivência vivem a situação acima descrita. São actores que atravessam, por exemplo, insegurança alimentar<sup>51</sup>.

<sup>49</sup> ÉTIENNE, J *et al*, *Dicionário de Sociologia*. Lisboa: Plátano Edições Técnicas 1998, p. 157.

<sup>50</sup> *Ibidem*. P. 157

Na lixeira encontramos actores privados de emprego, jovens mal sucedidos na educação, tendo baixo nível de escolaridade e que não podem prosseguir os seus estudos devido a dificuldades financeiras.

Esses actores são oriundos de famílias com falta de rendimento para a satisfação das suas necessidades essenciais.

Encontramos categorias de actores sem condições para usufruir de serviços sociais básicos como educação e saúde (recorde-se a assistência medicamentosa prestada pela ONG-ministério Arco-Iris aos frequentadores e moradores vizinhos da lixeira).

O recurso à lixeira como centro da vida de muitas pessoas é ao mesmo tempo reflexo e reacção aos processos de exclusão e às desigualdades sociais.

A desigualdade social define-se como uma diferença socialmente condicionada no acesso a recursos. As desigualdades são as oportunidades de vida, colectivamente determinadas, que exercem uma pressão específica sobre os indivíduos, fazendo-os ocupar certos lugares no mapa das desigualdades. Estas influenciam nas oportunidades de vida concretas e informam sobre as posições sociais de cada um. Elas resultam, sobretudo, de um grau desigual de acesso a bens, serviços ou oportunidades cuja base explicativa se encontra nos próprios mecanismos de funcionamento da sociedade que condicionam os destinos individuais<sup>52</sup>.

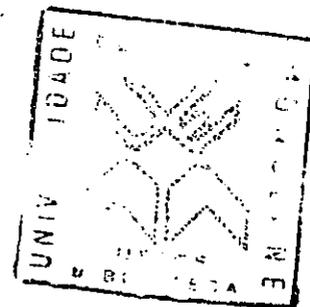
Uma desigualdade social "consiste na repartição não uniforme na população de um país ou de uma região, de todos os tipos de vantagens sobre os quais a sociedade exerce qualquer influência."<sup>53</sup>

Os actores da lixeira do Hulene sobrevivem e acabam por se conformar com a sua situação social.

O conformismo é reforçado pela crença em forças meta-empíricas causadores da sorte ou das condições a que estão votados.

<sup>51</sup> Citado in *Dicionário...*, *op.cit.*, p. 161.

<sup>52</sup> FERREIRA, J.M. CARVALHO *et al.* *Sociologia*. Lisboa: McGraw-Hill, 1995, pp. 325-326.



Recordemo-nos que 80 % dos entrevistados concordaram em que a sua vida era fruto da vontade de Deus e que 100% afirmaram categoricamente que a sua situação futura dependia de Deus.

Portanto, não é do Estado que os actores da lixeira esperam a solução dos seus problemas, mas de Deus. Nas respostas ao nosso questionário, houve quem comentasse que durante as campanhas eleitorais “os membros do Governo só fazem propaganda de futuro melhor, futuro esse que nunca chega.”

As entrevistas também revelam um forte conformismo.

Sem possibilidade de encontrar emprego no exterior da lixeira, fazem desta a razão de ser da sua vida.

Por outro lado, misturado com o conformismo existe descrédito, desconfiança e ódio ante as instituições políticas, percebidas como estando intimamente ligadas à polícia que os prende e lhes chama suínos. De acordo com as suas afirmações, é por isto que não solicitam apoio às instituições estatais ou filantrópicas, por temerem, justamente, represálias.

Isto caracteriza, segundo Lewis, a cultura de pobreza, como vimos atrás.

Estamos perante um exercício de resignação e fatalismo<sup>54</sup>, que não procura descobrir a lógica do sistema social que exclui. Os actores da lixeira não procuram pôr em causa a ordem social de que eles são um produto, mas adaptar-se à sua periferia.

Só interessa a sobrevivência diária. 90 % dos actores inquiridos afirmaram que “protestar contra o Governo é perda de tempo porque este nada vai fazer para mudar as condições da sua vida, valendo a pena estar na lixeira a desenrascar a vida.”

Não há, na lixeira, nenhuma organização de luta, os actores estão evacuados da historicidade, caminham para trás e não para a frente. Como diria de Francis Bacon<sup>55</sup>: “triste não é mudar de ideia. Triste é não ter ideia para mudar.”<sup>56</sup>

---

<sup>53</sup> GIROD, Roger (1984), *Les Inégalités Sociales*. Paris: PUF.

<sup>54</sup> *Dicionário de Estudante*. Empresa Literária Fluminense, p. 460.

Segundo Albert Hirschman, “face a uma situação que ele quer modificar, o indivíduo ou grupo dispõe de duas formas de acção: o abandono da sua situação ou a utilização da palavra, isto é, o protesto, com o objectivo de modificar a situação por dentro.”<sup>57</sup>

Os actores da lixeira jogam no abandono, reproduzindo<sup>58</sup> dia após dia a sua condição social de excluídos com as suas famílias, numa vida infra-política, contribuindo tragicamente para legitimar a ordem social injusta<sup>59</sup> que os exclui.

Como disse Óscar Lewis, “as famílias que vivem a cultura de pobreza transmitem esta cultura sob a forma de atitudes e disposições aos seus filhos, estando no seu centro sentimentos de impotência e fatalismo, assim aqueles que nela participam são incapazes de sair dela, reproduzindo-se a pobreza, de geração em geração.”<sup>60</sup>

## 12. Teste de hipóteses e conclusão

No teste das nossas hipóteses, devíamos comparar as relações ou os resultados observados com as relações ou resultados teoricamente esperados a partir da hipótese e, depois, examinar as diferenças. Se a diferença fosse nula ou muito fraca poder-se-ia concluir que a hipótese estava confirmada. Se não, seria necessário procurar a origem da discrepância e tirar as conclusões apropriadas<sup>61</sup>.

Defendemos que os actores da lixeira, vivendo do lixo, sem organização sindical e atribuindo a forças meta-empíricas (sorte e Deus) as causas da sua condição, viviam conformados com a vida que levavam.

---

<sup>55</sup> Epistemólogo da escola inglesa, in OLIVA, Alberto, *Epistemologia: a cientificidade em Questão*: Papirus: Editora Campinas, 1990, p. 12.

<sup>56</sup> Pensamento do dia, in *Notícias*, 11/02/2003, p. 11.

<sup>57</sup> Citado por Étienne *et al.*, p. 306.

<sup>58</sup> Falamos de reprodução social cientes de que de forma alguma a sociedade se reproduz mecanicamente. Empregamos esta expressão tendo por finalidade única demonstrar como uma ordem social pode ser mantida sem alterações sectoriais ou estruturais.

<sup>59</sup> Entendemos por injustiças sociais o conjunto de situações e mecanismos que tornam uma maior porção de pessoas inseguras. Inseguras porque se encontram excluídas dos recursos básicos para a sua existência.

<sup>60</sup> Étienne *et al.*, p. 159.

<sup>61</sup> In QIVY & CAMPENHOUDT, *op. cit.*, p. 270-273.

---

Na segunda hipótese defendemos que sem questionamento organizado a sociedade podia manter-se "estável" e as desigualdades e as injustiças sociais reproduzirem-se.

A nossa pesquisa e de acordo com os dados apresentados, confirmou ambas as hipóteses.

### **13. Auto-avaliação**

Um dos pontos problemáticos do nosso trabalho é a amostra.

Embora metodologicamente se recomende que um estudo de caso tenha uma amostra reduzida, reconhecemos que uma amostra com mais do que 10 elementos teria permitido uma confirmação mais ampla.

Contrabalançámos com técnicas de recolha de informação, a observação, o questionário e as entrevistas.

Posteriormente cruzámos os dados obtidos.

Por outro lado, as entrevistas têm guiões com um número elevado de questões. Isto dificultou o tratamento rápido dos resultados.

Apesar dos problemas, cremos que com a problemática e o modelo adoptados a pesquisa permitiu revelar aspectos pouco conhecidos sobre o fenómeno da exclusão social na lixeira do Hulene e, ao mesmo tempo, constituir-se como uma visão mais alargada da sociedade na qual a lixeira está incluída.

Pensamos que o conformismo e a reprodução da ordem social referidos neste aqui constituem um desafio que se coloca à Sociologia da exclusão social.

Também esperamos que a nossa visão solidária possa influenciar os actores que regem os destinos políticos do país.

---

De acordo com Raymond Quivy, "a análise sociológica pode esclarecer os processos de funcionamento e de mudanças dos conjuntos sociais"<sup>62</sup>.

#### 14. Bibliografia

- BOURDIEU, Pierre (1992), *A Economia das Trocas Simbólicas*. Editora Perspectiva.
- BOUDON, Raymond (1989), *Os Métodos em Sociologia*. São Paulo, Editora Ática.
- BOURDIEU, P. e PASSERON, J.C. (1970), *A Reprodução: Elementos Para Uma Teoria do Sistema de Ensino*. Vega Universidade, Lisboa.
- BUQUE, S.A.(1998), *Revisão da Rede Formal de Protecção social*. D.E.A. Maputo [não publicado].
- CARMO, Hermano(1996) (Coord), *Exclusão Social: Rotas de Intervenção*. Lisboa. Universidade Técnica de Lisboa.
- COLAÇO, J. Carlos (2001), Os Lixeiros da Cidade de Maputo. In *Estudos Moçambicanos* 18, Maputo: CEA, UEM.
- LEWIS, Oscar ( 1970 ), *Os filhos de Sánchez*, Lisboa. Moraes editores, pp.12-27.
- ÉTIENNE, Jean et al ( 1998), *Dicionário de Sociologia*, Lisboa, Plátano Edições Técnicas.
- FERREIRA. J. M. CARVALHO et al (1995), *Sociologia*. Lisboa: McGraw-Hill.
- GIL, António Carlos (1999), *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. S.Paulo: Atlas.
- LESBAUPIN, Ivo (2000), *Poder Local x Exclusão Social: A experiência das Periferias democráticas no Brasil*. Editora Vozes: Petrópolis.

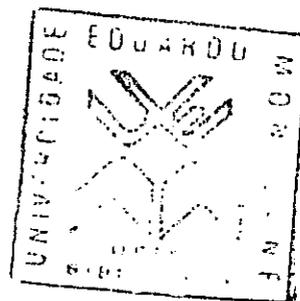
---

<sup>62</sup> *Ibid.*, p. 241.

- OSÓRIO, Conceição *et al*, *Mulher e autarquias*. Maputo: CEA/UEM. 2001, p.11.
- OLIVA, Alberto, *Epistemologia: a cientificidade em questão*, Papyrus. Editora, Campinas, 1990.
- PITÉ, Jorge,(1997), *Dicionário Breve de Sociologia*, Lisboa. , Presença.
- PNUD,(1997), *Relatório do Desenvolvimento Humano*. Lisboa. Trinova Editora:
- PNUD,(1998), *Relatório do Desenvolvimento Humano de Moçambique*. Maputo. SARDC.
- OLIVEIRA, M. da Luz et Al (1995), *Sociologia*, 12º ano. Lisboa. Texto Editora.
- SERRA, Carlos(1996),*O Desafio de uma medicina bernardiana em Moçambique*. Maputo UEM: Faculdade de Medicina, ( Texto não editado).
- SERRA, Carlos(1999), Exclusão Social e Paradigma de Mondlane, in *Estudos Moçambicanos* nº16, Maputo. CEA.
- SERRA, Carlos(2001)(Coord), *Pesquisa Informa* nº2, Maputo. CEA.
- SERRA, Carlos.(2002)(Coord), *Pesquisa Informa* nº7, Maputo. CEA.
- SERRA, Carlos.(S.d.), *Sociedade Civil Precarizada em Moçambique*. CEA.(documento não publicado).
- SERRA, Carlos(1999), *Exclusão, recomposição e mestiçagem Sociais*, , Maputo, CEA.( texto não publicado).
- SCHUTZ, Alfred ( 1979 ), *Fenomenologia e Relações Sociais* (textos escolhidos). Rio do Janeiro. Zahar Editores:
- TOURAINÉ, Alain, (1996), *O Retorno do Actor*. : Lisboa. Instituto Piaget.
- TRIVIÑOS, Augusto, *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: pesquisa qualitativa em Educação*. São Paulo: Atlas, 1987.
- XIBERRAS, Martine.(1996), *As Teorias de Exclusão Social: Para Construção Social do Imaginário do Desvio*. Lisboa. Piaget.
- Jornal Notícias*,11/02/2003, p.11.
- Injustiça Social e Fome: [http://www. Espirito. Html/2/17/2003](http://www.Espirito.Html/2/17/2003)

**ANEXOS**

## ANEXO I



### GUIA DE OBSERVAÇÃO PARA A LIXEIRA PÚBLICA DE HULENE

1. Descrever a disposição espacial dos utentes durante as suas actividades.
2. Descrever as características identitárias dos utentes (origem social, idade, forma de vestir, etc.).
3. Descrever toda a dinâmica de relações que se estabelecem na lixeira (*comportamentos, as actividades específicas, diálogos, etc.*).
4. Estudar os grupos etários, a forma como demarcam o espaço.
5. Registar pormenorizadamente o tipo de lixo recuperado e gerido na lixeira.
6. Registar os eventuais conflitos entre os utentes pela disputa na apropriação do "melhor" lixo.

## ANEXO II

### GUIÃO PARA ENTREVISTAS A UTILIZAR NA LIXEIRA PÚBLICA DE HULENE

#### GRUPO ALVO: UTENTES

##### Finalidade da entrevista:

- Conhecer a origem social dos utentes.
- Conhecer as interpretações dos utentes sobre a situação de pobreza e exclusão em que se encontram.
- Conhecer as opiniões, os planos e estratégias dos utentes para saírem da situação em que se encontram.
- Estudar as percepções que os utentes têm sobre o lixo e sobre o Estado.
- Conhecer a dinâmica da vida na lixeira.
- Avaliar o conformismo dos utentes para com a sua situação.
- Avaliar a capacidade de organização e de luta dos utentes.

#### I. DADOS DO ENTREVISTADO Nº-----

Nome-----sexo-----  
-----

Idade-----  
-----

Naturalidade ( local de nascimento)-----  
-----

Residência-----  
-----

Estado Civil-----  
-----

Grau de escolaridade-----  
-----

Profissão-----

Língua de comunicação:-----  
-----

## **DESENVOLVIMENTO**

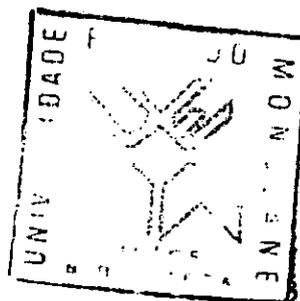
1. *Pode contar o percurso da sua vida até hoje?*
2. *Desde quando frequenta a lixeira?*
3. *O que entende por lixo?*
4. *O que entende por pobreza?*
5. *Qual é a situação da família e sua origem social?*
6. *Como se vive aqui na lixeira?*
7. *Estão organizados em associações de defesa? Há sindicatos?*
8. *O que aproveita aqui na lixeira?*
9. *Porque é importante a lixeira para si?*

## **AVALIAÇÃO DE CONFORMISMO E PERCEPÇÕES DOS UTENTES**

10. *Tem planos para abandonar a vida que leva aqui?*
11. *Acha que o Governo se esforça em melhorar as condições da sua vida?*
12. *Na sua opinião, de que maneira acha que se poderia resolver a questão da pobreza e das desigualdades sociais?*
13. *Já procurou algum emprego ou alguma actividade diferente desta?*
14. *Espera mudança para melhor na sua vida?*

## **PERCEPÇÃO SOBRE A ESTIGMATIZAÇÃO**

15. *Qual é a percepção que as pessoas vizinhas de lixeira e outras têm de vós?*



### ANEXO III

#### GUIA DE ENTREVISTAS PARA OS MORADORES VIZINHOS DA LIXEIRA

##### OBJECTIVOS:

- Avaliar as visões dos moradores das imediações da lixeira sobre os utentes desta.
- Ouvir a opinião dos vizinhos sobre a vida na lixeira.

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO Nº-----

NOME: -----SEXO-----

IDADE: -----

MORADA: -----

LINGUA DE COMUNICAÇÃO: -----

1. Que opinião tem das pessoas que vivem da e na lixeira?
2. Tem alguma ideia sobre quando é que a lixeira começou a ser frequentada por pessoas para aproveitarem o lixo?
3. Na sua opinião, o que o Governo devia fazer em relação à lixeira?

ANEXO IV

QUESTIONÁRIO PARA OS UTENTES DA LIXEIRA PÚBLICA  
DE HULENE

OBJECTIVOS:

1. Avaliar o potencial de conformismo dos utentes.
2. Conhecer as pré-disposições susceptíveis de originar comportamentos de protesto ou conformismo.

NÚMERO DE QUESTIONÁRIO: \_\_\_\_\_

NOME DO INQUIRIDO: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_SEXO\_\_\_\_\_

IDADE: \_\_\_\_\_

MORADA: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

SEXO: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

LINGUA DE COMUNICAÇÃO: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Seguem-se 10 afirmações em relação às quais deve dizer se *concorda*, se está *indeciso* ou se *não concorda*, assinalando com um xis conforme a sua opinião na coluna respectiva (Pode fazer os comentários que quiser)

	AFIRMAÇÕES	CONCORDO	INDECISO	NÃO CONCORDO
	<b>DIMENSÃO: CAUSALIDADE</b>			
1	Deus é que quis que eu leve a vida que levo aqui			
2	Só Deus é que sabe o que a minha vida há-de ser no futuro			
3	Enquanto Deus não me dá outra sorte na minha vida, consigo viver com o que apanho aqui			
4	São os espíritos dos mortos que complicam a minha vida			
	<b>DIMENSÃO: LUTA</b>			
5	<i>Protestar contra o Governo é perder tempo porque nada vai fazer para mudar a nossa vida</i>			
	<b>DIMENSÃO: PERCEPÇÕES</b>			
6	Vale a pena estar aqui na lixeira a desenrascar a vida			
7	A minha vida será de pobreza para sempre, não vai mudar			
	<b>DIMENSÃO: CONSCIÊNCIA POLÍTICA</b>			
8	Com o Governo que temos, não espero mudança na vida que levo			
9	Votar aqui em Moçambique é enriquecer os outros. Por isso, nem vale a pena votar.			
10	O Estado não faz nada para melhorar a vida dos pobres			